

O RENASCIMENTO DO HARLEM – PANAFRICANISMO E A LUTA CONTRA A INFERIORIDADE RACIAL (1920-1930)

Gustavo de Andrade DURAO
Universidade Federal do Rio de Janeiro -
UFRJ
E-mail: gad20055@gmail.com

Resumo:

O Panafricanismo não foi um movimento datado e não possui um documento explicitamente consolidado sobre suas diretrizes, entretanto, apresentou metas importantes nos congressos que perpassaram praticamente todo o século XX. Os documentos entre os intelectuais renomados do Panafricanismo como Marcus Garvey e Edward W. Blyden representam importantes bases de documentação para o estudo do pensamento racial e diaspórico.

A apresentação dos intelectuais do Renascimento do Harlem como W.E.B. DuBois, Alan Locke, Langston Hughes, Claude Mackay e Countee Cullen é fundamental à medida que demonstra um debate intelectual dos pensadores precursores do questionamento em relação à inferioridade racial, segregação e toda forma de exclusão dos negros.

Através de uma análise interdisciplinar, principalmente, utilizando-se das suas poesias, ensaios e escritos através da metodologia de críticos literários, historiadores e cientistas sociais, pode-se retomar o movimento do Renascimento do Harlem como um primeiro grande impulso do panafricanismo em caráter transnacional. Na presente abordagem, uma análise afro-diaspórica do movimento do Renascimento do Harlem é uma importante representação a ser discutida e também pode ser considerada uma extensão do panafricanismo.

Palavras-chave: renascimento do harlem; panafricanismo; identidade; crítica literária.

1 - O panafricanismo – uma introdução.

O panafricanismo está sendo analisado por várias perspectivas e alguns intelectuais afirmam que ele teria sua gênese nos movimentos de resistência ao domínio colonial já no início dos séculos XVI e XVII, período caracterizado pelo tráfico dos escravizados através do atlântico.¹ Estes pensadores contemporâneos insistem que o panafricanismo surge no momento em que os negros se encontraram dispersos no mundo todo, devido ao tráfico e a escravidão, mas esta perspectiva não fornece as bases do pensamento panafricano, ela nos indica apenas o início dos

¹ MARTIN, Tony. *Le Panafricanisme, de 1441 au XXIÈ siècle. Tirer parti de la vision de nos Ancêtres* In: Première Conférence des intellectuels d’Afrique et de la Diaspora. Dakar, 6-9 octobre 2004. O autor nos mostra como o panafricanismo é construindo como um movimento e que mesmo que alguns insistam que já houvesse formas de solidariedade entre os povos negros desde quatro séculos, somente na virada do século XVIII se pôde caracterizar o movimento panafricano em si.

seus processos de construção, de uma identidade em comum, iniciada no momento da “diáspora”.

² No momento será feito um recorte mais específico afirmando que o movimento autodenominado panafricano estaria condicionado ao período de final do século XIX, com a ideologia da “África para os africanos”, anunciada por *Kwame Nkrumah*, grande líder político e criador do nacionalismo panafricano.³

Tendo sua origem nas colônias britânicas, o movimento pan-africano começa quando algumas escolas missionárias de países como Serra Leoa, Gâmbia, Costa do Ouro e Lagos começam a incentivar os estudos dos seus alunos em universidades de Londres e dos Estados Unidos. Embora essa empreitada estivesse destinada a formar novos quadros de funcionários para administração colonial inglesa, também ocorreu a formação de intelectuais comprometidos com os ideais dos negro-africanos, como o liberiano *Edward Blyden (1832-1912)*, considerado um dos principais divulgadores do panafricanismo.

Blyden pode ser considerado um importante personagem panafricano por engendrar um sentimento nacional para os países da África, visto que a sua experiência em estudos nos Estados Unidos e na Inglaterra fez perceber de que modo não havia um projeto político de modernização no interior da empreitada colonial. Além disso, a percepção e a divulgação dos processos de exclusão no âmbito colonial foram percebidas por intelectuais norte-americanos, ingleses e de parte das elites africanas que começavam a produzir escritos que além de divulgar os excessos da empreitada colonial, traziam elementos do “protonacionalismo” para alguns países da África.⁴

Cabe ressaltar que de 1900 até 1920 pouco se falou sobre pôr um fim à colonização, grande parte da intelectualidade panafricana não incentivava o rompimento com a metrópole, mas buscava construir relações menos assimétricas, nas quais o “velho continente” pudesse contribuir para a melhoria das colônias sob os respectivos domínios coloniais. A militância a favor de uma colonização mais harmoniosa e que respeitasse os direitos humanos só começou mesmo a fazer maiores pressões após o estabelecimento da Comissão dos estudos coloniais a partir da década de vinte.⁵

Sob este prisma, vale lembrar algumas personalidades importantes de representantes do nacionalismo como Marcus Garvey e W.E.B. Du Bois, como o já referido Blyden, geraram transformações fundamentais nas organizações políticas norte-americanas.⁶

Segundo Appiah grande parte da identidade africana esteve arraigada aos racismos românticos essenciais ao nacionalismo europeu e norte-americano existente no século XX. Esse “nacionalismo negro”, segundo o mesmo autor, foi fundamental como ponto de partida para um panafricanismo nacionalista, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, quando ele assumiu outra perspectiva. A organização do panafricanismo como algo político e social só ocorreu devido à

² A questão da diáspora é complicada na medida que a diáspora é por definição uma escolha em se realizar um deslocamento e o tráfico atlântico não representou isso. Ver GILROY, Paul. *O Atlântico negro – Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos afro-asiáticos. 2ª Ed. 2008

³ BIRMINGHAM, David. *Kwame Nkrumah – the Father of African Nationalism*. U.S.: Ohio University Press, 1998.

⁴ Utilizo-me da expressão protonacionalismo lembrando que neste momento há uma construção dos projetos nacionais e não um conceito de nacionalismo como o eurocentrado. Ver. HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. Bolso, 2011.

⁵ NDIAYE, Pap. *La condition Noire – Essai sur une minorité française*. Paris: Folio/ Gallimard, 2009.

⁶ APPIAH, K. A. “O mito de um mundo africano”. In: *Na Casa de Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997. Pg. 111.

organização dos intelectuais que através de escritos e associações formaram uma militância em torno das reivindicações do negro, independentemente do local que este tivesse nascido.

A criação da *Associação Africana* fundada em 1897 foi um aspecto positivo por ter apresentado três anos depois, em 1900, um documento formulado por um pequeno grupo de intelectuais que transmitiam sua solidariedade aos seus “irmãos africanos menos favorecidos”.⁷ De alguma forma o objetivo da Associação era atuar como um órgão de solidariedade que visava proteger os interesses dos seus irmãos negros e divulgar as suas insatisfações tanto nas colônias inglesas como em âmbitos globais.

Embora com pouca representatividade e com interesses muito pretensiosos para o período, a Associação Africana também visava estabelecer uma maior cooperação entre negros e brancos e fundar organizações exclusivas para os negros. Mesmo não tendo alcançado efetivamente grande parte de seus objetivos a Associação pôde ajudar a promover a primeira Conferência Panafricana organizada em 1900, em Londres, a primeira relevante movimentação em torno das questões dos negro-africanos e afro-descendentes no mundo todo.

A importância do Panafricanismo foi de movimentar o ideal de unificação das reivindicações dos negros, fossem os oprimidos nas colônias, como os segregados nas grandes metrópoles. Essa consciência do valor coletivo em forma de associações, instituições e até mesmo, partidos políticos, foi uma resposta contundente às definições centralizadoras dos discursos raciais, típicos do mundo branco ocidental. A caracterização de uma resistência aos mecanismos excludentes e de opressão fizeram com que se pudesse lutar para a libertação dos negros, em um campo que ultrapassava as barreiras nacionais e que trazia um elemento de solidariedade primordial para os negros na entrada do século.

Em primeira instância o discurso panafricano levava às organizações político-ideológicas, porém, também se pode notar que mais do que ressaltar a importância da união através de manifestos ou das associações em defesa dos direitos dos negros, ele veio para dar legitimidade às reivindicações dos negros. Para isso baseou-se também no princípio de raça para ressaltar a conexão étnica entre as desigualdades sofridas e as esperanças em se obter uma nova organização sócio-cultural.

Além disso, o panafricanismo deve ser reverenciado como um movimento importante para o povo negro que após a experiência escravista e sua abolição na maioria dos países do globo, ainda não conseguia ocupar os mesmos lugares que os brancos na ordem político-social que o século vindouro anunciava à humanidade. Diga-se de passagem, o Brasil carrega a triste marca de ter sido o último país das américas a ter abolido a escravidão.

O problema do panafricanismo, como construção histórica está no fato de que ele foi construído como ideologia transnacional, para os povos negros do mundo todo e nesse tipo de construção, as barreiras nacionais acabaram pesando bastante demonstrando que é ainda difícil encontrar um pensamento unívoco para o panafricanismo, ainda mais naquele começo de século XX.⁸ Para isso será preciso clarear as movimentações do Panafricanismo como movimento político-ideológico, apresentando alguns dos seus principais articuladores.

Um partícipe do processo pan-africanista, *Edward Wilmot Blyden (1832-1912)*, como já foi dito, pode ser considerado um de seus principais representantes. Sua importância esteve em

⁷ APPIAH, K.A. Op. Cit. Pg. 36.

⁸ Tem-se aqui a problemática dos movimentos panafricanos, eles esbarravam na questão da *transnacionalidade*. Ou seja, como congregar valores tão heterogêneos e unificá-los a indivíduos de nacionalidades diferentes?

basear-se nos preceitos raciais europeus, apropriar-se destes como elementos de definição dos fatores culturais de origem africana. Pode ser considerado o pai do panafricanismo, pois, trouxe a reflexão de que a raça negra e seus atributos sejam elementos da sua história, fundando o conceito da “*personalidade africana*” ou a “*African Personality*”.

Blyden teoriza que o atraso social e político existente na África foi algo introduzido pelos europeus quando instituíram outros tipos de relação como a escravidão e que a abolição era mais do que necessária para a retomada das relações mais igualitárias com o continente europeu. De acordo com este pensador era preciso fazer o retorno à “Mãe África”, ou seja, todo intelectual negro precisava reverenciar seu continente de origem para efetuar a compreensão dos seus valores tradicionais e compreender-se como integrante afastado do continente, mesmo que estes fossem valores idealizados da África. A volta à África pregada por Blyden foi idealizada como algo que pudesse reunir os negros de parte da África e dos Estados Unidos na região da Libéria, considerado o patrimônio geográfico-cultural das populações negras.⁹

É importante lembrar que a movimentação de Blyden foi algo primordial na quebra de paradigmas na organização do mundo ocidental e a sua função intelectual foi de mostrar que poderiam existir valores culturais que não deixariam de ser almejados pelos negros. Mesmo que para tal tenha sido criada uma ideologia romântica e com elevado teor de apelo mitológico na sua apresentação do continente.

Ele faz uma incursão a vários países africanos buscando a disseminação dos ideais panafricanos e a compreensão do que poderia aproximar as diversas sociedades africanas em um único ideal. Deve se considerar seu papel de pioneirismo do intelectual negro, visto que ele compreende seu “não-lugar” no mundo e percebe que ainda precisa apreender sobre as diversidades que envolviam a “raça” negra ao redor do mundo. Nesse sentido ele fundará a tendência de que os intelectuais precisavam conhecer os espaços geográficos e seus objetos de análise para embasar suas teorias. De certa forma, Blyden também divulga os ideais de união entre os negros quando realiza suas viagens, formando adeptos e gerando uma movimentação (política e intelectual) positiva ao redor da nova percepção do negro para ele mesmo e para o mundo.

Outro ponto importante da atuação intelectual de Blyden foi à construção teórica que desenvolveu na sua obra *Christianity, Islam and the negro race*. Foi nela que ele analisou as sociedades do Sudão e pôde traçar um paralelo entre as influências do cristianismo e do islamismo. Em sua análise percebeu que enquanto o cristianismo buscava silenciar e apagar os fatores culturais africanos, o islamismo se apropriava deles, polindo os que não lhe interessavam e mantendo grande parte das tradições dos povos que aderiam a ele.¹⁰

Outro expoente do panafricanismo foi *Marcus Garvey (1887-1940)*. Jamaicano de nascimento, Garvey foi considerado um dos mais envolventes líderes do panafricanismo, exercendo forte influência entre 1915 e 1935 nos Estados Unidos, Antilhas e em grande parte do continente africano. Líderes como o ganense Nkrumah e o célebre Martin Luther King assumiram a influência do seu pensamento em suas obras.

Com a mesma direção de Blyden, Garvey realizou viagens que fizeram com que percebesse a situação dos seus irmãos negros em todo o globo, concluindo que a militância poderia trazer maior união e coesão aos seus ideais. A criação da *Unia* (Associação Universal para o Aprimoramento do Negro) em 1914, foi uma importante colaboração de Garvey para os ideais do movimento visando à instituição de escolas técnicas para a especialização dos negros. Vale

⁹ BLYDEN, Edward W. *Christianity, Islam and the negro race*, 1887. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1967.

¹⁰ BEDIAKO, Kwame. *Africa and Christianity on the threshold of the third millennium: The Religious Dimension*. African Affairs, n. 99, 2000. pg. 303-323.

lembrar que Garvey encontrou um importante meio de articulação para os seus ideais, no jornal “*The Negro World*”, no qual divulgou o panafricanismo na África assim como, trabalhou o seu preceito do “programa de redenção dos negros”, que de alguma forma se expressava através da máxima “a África para os africanos”.

“Somos descendentes de um povo sofrido. Somos os descendentes de um povo decidido a não mais sofrer. [...]. Não queremos o que pertenceu aos outros, embora os outros sempre tenham procurado privar-se daquilo que nos pertencia [...] As outras raças têm seus próprios países e é tempo de que os quatrocentos milhões de negros [do mundo] reivindicuem a África para si próprios”.¹¹

Aproximando-se ideologicamente de Blyden, Garvey investiu na Libéria como espaço de socialização igualitária para os negros do mundo todo. A idéia concebida era de que lá eles poderiam se encontrar como um povo, gozando de um espaço de solidariedade para seus anseios políticos e sócio-culturais. A *Unia* também serviu para divulgar a idéia de que poderia existir um espaço de convivência comum para a confraternização e reunião dos “povos de cor”. Deste modo, foi uma iniciativa importante de Garvey a exaltação do orgulho e do amor que deveria existir em todos os que pertenciam à raça negra e o conseqüente investimento na percepção dos heróis e dos principais representantes do “mundo negro”.

Assim, ele acreditava se contribuiria para a instrução das populações “atrasadas” da África, convidando-as ao progresso e à reconstrução de sua auto-imagem. Sua empreitada para engendrar a tomada de consciência do negro foi radical aos olhos dos colonizadores ingleses que interditaram a circulação do *The New Negro*, fazendo com que Garvey fosse expulso dos Estados Unidos. Embora sem força política e sem conseguir amealhar recursos a *Unia* ainda angariava novos adeptos, muitos deles chegando a aderir ao movimento do *Renascimento do Harlem*, que abordaremos a seguir.

A colaboração de Garvey foi tão relevante que ele pôde organizar lideranças e se empenhar em fazer as bases do panafricanismo, que de alguma forma, trouxe uma teorização sobre o que realmente o movimento poderia engendrar no campo político. Ou seja, o negro não deveria mais se submeter aos valores raciais, deveria sim buscar as suas expressões culturais através do estudo de sua história e tradições. Também seria necessário que houvesse uma organização da sua auto-suficiência (através da indústria e do comércio) e por fim o direito à criação de um estatuto nacional, que conferisse autonomia. Estas eram as bases primordiais do nacionalismo panafricano de Garvey.¹²

Aos poucos a questão negra foi tomando parte dos meios intelectuais no mundo todo, mas principalmente na Europa, nos Estados Unidos onde se disseminava a busca da identidade do negro e da igualdade de direitos dos negros espalhados pelo mundo. A contribuição destes intelectuais foi cada vez mais importante por fundar um caminho diversificado perante o fim da escravidão, um novo direcionamento das relações entre os países e as diferentes perspectivas dos processos de independência na Ásia e na África.

Muitos intelectuais apontam para a criação do “*novo negro*”, ver-se-á mais adiante, mas não se preocupam em fundamentar e embasar a experiência do negro na história. Alguns escritores

¹¹ BOAHEN, A. Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: BOAHEN, A. Adu (org.). História geral da África: a África sob dominação colonial (1880-1935). São Paulo: Ática/UNESCO, 1991.

¹² MARTIN, Tony. *Op.cit* .pg.15 Vale lembrar também que um empreendimento importante de Garvey foi a Black Star Line, uma companhia de navegação que se ocuparia de transportar os negros para o continente africano.

acabaram elegendo as produções como os relatos dos ex-escravos norte-americanos para ilustrar as dificuldades do passado e a necessidade de superação que deveria existir entre os negros na busca pela importância do seu passado.¹³

Desse modo, pode-se dizer que em meados do século XVIII, os relatos dos ex-escravos ocuparam a imaginação dos escritores e artistas negros incentivando a produção intelectual através de romances e relatos que ainda não foram trabalhados como documentos históricos importantes.

A reivindicação dos intelectuais norte-americanos foi por uma maior preocupação na preservação dos seus traços culturais do passado. Ou seja, devido à tentativa de apagar a “escravidão” quase como uma instituição, descartou os elementos históricos importantes para um ensino ou uma tradição educativa que valorizasse os traços culturais dos negros no momento em que chegaram aos Estados Unidos.¹⁴

A busca para completar algumas “lacunas” na história do negro, deu destaque ao Haiti, à Libéria e até mesmo à Etiópia dentro do ambiente intelectual panafricano. Não se pode esquecer que no âmbito cultural do movimento foi de fundamental importância para o incentivo do repatriamento dos negros, a organização de correntes intelectuais voltadas para a questão racial e as manifestações de atividades que além de fazer adeptos, serviram para fundar um sentimento de “comunhão” entre os negros do mundo todo.¹⁵

A “África para os africanos”, “à volta a Mãe-África”, o culto da “personalidade africana” e os projetos para a emancipação da “raça negra” serão de fundamental importância na ideologia panafricanista. Optando em não se abordar o elemento político-institucional, porém, primando pelo viés sócio-cultural pode-se dizer que as duas maiores vertentes do panafricanismo foram os movimentos do *Renascimento do Harlem* na década de 20 e da *Négritude* no início da década de 40.

Sobre o primeiro é preciso ressaltar que foi o mais representativo dos ideais panafricanos, quando se desdobrou nas lutas pela igualdade de direitos dos negros nos Estados Unidos, desencadeando posteriormente as lutas contra a segregação racial. Por isso é válido apresentar a trajetória de *W.E.B. Du Bois* como mentor intelectual da nova geração de intelectuais negros norte-americanos e principal expoente da mudança do papel dos negros para si próprios e para o mundo.

Du Bois é relevante, por não ter sido só um intelectual, mas um articulador do diálogo entre uma gama de pensadores, escritores e simpatizantes da causa negra, em prol de um “*New Negro*”, de uma nova imagem para o negro.

A participação dos negros na Primeira Guerra Mundial, gerou implicações tanto aos colonizados, como para os afro-americanos que se colocaram em uma outra disposição no que diz respeito à reconstrução dos países e a luta pela soberania nacional. Segundo análises de historiadores, como Pap Ndiaye, isso conferiu ao negro um maior questionamento do seu papel na ordem político-social, eles não queriam ser vistos como assimilados nativos e muito menos como cidadãos de segunda ordem.¹⁶ Outros escritores também procuram lembrar que por outro lado, a partir do momento que há um contato com a metrópole, os negros deixam de ser “colonizados” e

¹³ Phillis Wheatley e Frederick Douglass são dois exemplos utilizados bastante na história norte-americana atual.

¹⁴ JUNIOR, Henry Louis Gates. *The Troupe of a New Negro and Reconstruction of the Image of the Black. Representations*, N. 24. Special Issue : America Reconstructed, 1840-1940. University of California Press. (1988). Pg. 131.

¹⁵ MARTIN, Tony. *Op. Cit.* Pg. 12

¹⁶ NDIAYE, Pap. *Op. Cit.* Pg. 307.

passam a experimentar uma maior inserção social ou pelo menos encontram processos um pouco mais igualitários e justos de convivência.¹⁷

O primeiro Congresso Pan-Africano ocorrido em 1919, apenas dois anos ao final da guerra, reuniu 57 (cinquenta e sete) delegados das Antilhas, da África e dos Estados Unidos sobre a presidência de Blaise Diagne (deputado senegalês) e contou com a participação ativa do sociólogo *W.E.B. Du Bois*. Quando se reuniram em Paris, seus organizadores reivindicaram proteção aos nativos na África, aos direitos à terra, à educação e ao trabalho, assim como o fim dos castigos corporais nas colônias.

A articulação de Du Bois, além disso, projetou-o como o fundador da NAACP (Associação para o progresso das pessoas de cor) criada em 1910, onde foi elaborado o manifesto para a autoprocamação para as pessoas de cor. A NAACP valorizava a cultura africana e afro-descendente, possibilitando a construção da potencialidade e cooperação inter-racial despida de hierarquias e propunha garantir futuramente a concretização deste ideal. Du Bois foi tido pelos escritores da *négritude* como o pai do movimento, pois foi o primeiro intelectual a negar a separação entre negros e brancos, incentivando a volta às origens e exaltando o orgulho em se pertencer a raça negra.

“Nós, criadores da nova geração negra, queremos exprimir nossa personalidade sem vergonha nem medo. Se isso agrada aos brancos, ficamos felizes. Se não, pouco importa. Sabemos que somos bonitos. E feios também. O tantã chora, o tantã ri. Se isso agrada à gente de cor, ficamos muito felizes. Se não, tanto faz. É para o amanhã que construímos nossos sólidos templos, pois sabemos edificá-los, e estamos erguidos no topo da montanha, livres dentro de nós”.¹⁸

Em síntese podemos afirmar que o preceito básico do panafricanismo foi a compreensão de uma comunidade mundial africana ligada, toda ela, à luta pela libertação, pela dignidade e para a integração do negro. Du Bois fez isso através da organização de congressos e os seus escritos também influenciaram toda uma geração de intelectuais, animando o ambiente cultural nos Estados Unidos e gerando um renascimento da questão racial: nascia a “*Negro Renaissance*”.

2 - O Renascimento Negro – quando Harlem estava em Voga.

Assistindo ao filme *Mississippi em Chamas* (1988) estrelado por Willem Defoe e Gene Hackman pude reparar como a história da questão racial nos Estados Unidos ainda possui muitas imbricações. Um dos personagens do filme que representava a “ordem policial”, conivente com os crimes contra os negros na cidade acusa os estudantes universitários de terem começado com essa preocupação desenfreada pelos direitos dos “pretos”.

Embora aborde a violência ocorrida contra os negros na década de sessenta nos Estados Unidos, a fala do personagem mostra onde teria surgido a primeira movimentação contra a

¹⁷ A historiografia mais tradicional defende que o principal fator para a circulação dos escritos dos negros no mundo foi a participação dos soldados negros nas guerras mundiais. LINHARES, Maria Yedda Leite. “Descolonização e lutas de libertação nacional”. IN: *O século XX: O tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. V. 3, 2005. Pg. 45. KESTELOOT, Lylian. *Histoire de la Littérature Nègro-Africaine*. France: Karthala – AUF, 2001.

¹⁸ MUNANGA, Kabengele. *Négritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª Ed. 2009. (extrato do manifesto da Revista *The Nation* de 1921) pg. 37

violência. Ou seja, a construção panafricana como ideologia e conceito proliferou de maneira a gerar frutos importantes. Toda a movimentação de Marcus Garvey, Du Bois e Blyden foi fundamental para o surgimento da corrente norte-americana do movimento, o *Renascimento Negro do Harlem*.

Considerado o pai deste movimento e tendo nascido em 1868, no Estado de Massachusetts, Du Bois declarou abertamente seu repúdio à segregação racial e a exaltar o orgulho de ser negro. Utilizando-se de bases histórico-sociais ele trabalhou para acabar com o preconceito e os costumes que acabavam desqualificando a imagem dos negros.

Ele compreendia que a história da escravidão e da discriminação arraigada aos costumes de alguns Estados em seu país reforçava o preconceito, provocando situações de violência e que acabavam distanciando cada vez mais os negros a entrarem em contato com sua história e suas origens.¹⁹ A contribuição de Du Bois foi não só seu pioneirismo, mas a sua dedicação ao estudo das questões raciais, buscando vencer o preconceito e a maneira inferiorizada que o negro era abordado.

“Nós não devemos aceitar ser lesados, nos negarem um só iota, de nossos plenos direitos de ser homem. Nós reivindicamos todo o direito particular pertencente a todo americano nascido livre do ponto de vista político, civil e social; até que nós obtenhamos todos esses direitos, nós não devemos jamais parar de protestar e importunar a consciência americana”.²⁰

Embora tivesse influenciado o movimento de volta às origens, como já foi explicitado, Du Bois, não encorajou a volta à Mãe África, segundo a determinação de alguns biógrafos que defendem que a luta racial do professor se concentrava na construção da identidade dos norte-americanos. Ele percebeu que havia um resgate a ser feito em relação ao continente, mas este “retorno” estaria mais forte no que tange à ancestralidade, algo mais valioso para o eminente estudioso.

Du Bois percebeu claramente que a herança da escravidão havia trazido prejuízos sociais para os negro-americanos, mas também se preocupou com futuro que estava reservado para seus semelhantes, pensando em um projeto de educação para estes. Ou seja, DuBois sabia o negro-norte- americano estava longe de ser inserido político-socialmente, ainda sendo considerado cidadão de segunda classe.

DuBois foi o começo, mas depois dele uma plêiade de pensadores, escritores e poetas fizeram do *Renascimento Negro*, um momento importante na história da humanidade. Pode-se destacar dois aspectos dentro do movimento: O primeiro foi a similaridade entre os ideais destes pensadores que não tiveram raízes culturais definidas e romperam as barreiras geográficas através de seus escritos.

O segundo aspecto foi por conseguirem demonstrar que a luta intelectual não buscou a auto-afirmação do negro somente e que apesar de séculos terem sofrido o estigma da inferioridade (diáspora e colonização), o negro, era visto como um ser humano, independente da cor da sua pele, sendo o seu potencial intelectual e moral o mesmo que de todos seus irmãos.

¹⁹ GOMES, Heloísa Toller. “Introdução”. In: DUBOIS, Willian Edward. *As almas da gente negra*. Ed. Lacerda – Rio de Janeiro, 1999. Pg. 11.

²⁰[tradução livre do autor do francês]. JAUNET, Claire-Neige. *Les écrivains de la négritude*. Ellipses, Paris – 2001. Pg. 27

Vale lembrar que apesar de alguns críticos apontarem o fracasso do movimento, ou a sua pouca duração, o *Renascimento Negro* foi um período de conquistas fundamentais no campo do saber que abriria oportunidades fundamentais para a intelectualidade negra no mundo. A importância do movimento foi iniciar a discussão sobre a inclusão do negro na sociedade americana e inspirar os escritos dos pensadores da négritude.

Os escritores da *Harlem Renaissance* estão unidos em torno do pertencimento à uma mesma “raça”,²¹ tradições, costumes e expressões culturais em comum. A análise de seus principais interlocutores será de fundamental importância para percebermos suas aproximações e suas principais realizações.

Pouco abordado, e por vezes excluído do hall de intelectuais importantes do movimento *Alain Locke* (1885-1954), professor de filosofia da Universidade de Howard, publicou ensaios, histórias e poesias sendo a mais conhecida delas a antologia poética denominada “*The New Negro*” (1925). Ele conclamava a união dos valores estritamente culturais que lograriam aos negros a valorização dos seus traços culturais específicos. Apesar de não reconhecido oficialmente, seu trabalho teria dado origem a toda a movimentação intelectual da *Renascença Negra*, fazendo dele o primeiro e principal difusor do movimento.²²

A empreitada intelectual de Locke era mostrar que já que o elemento racial tinha unido o negro, mesmo que através da discriminação e da exclusão da sociedade, ele deveria utilizar-se de sua “raça” para compartilhar suas qualidades e seu novo papel no mundo. Era preciso que o sentimento de ser negro fosse valorizado coletivamente e que o fato de ser negro fosse realmente “experimentado” por esses intelectuais de vanguarda.

A obra de Locke serviu para demonstrar que a participação no campo das letras e das artes faria do “novo negro” um ator social, ou seja, participando do ambiente cultural estaria contribuindo para a civilização do país, desse modo ele passava a ser cidadão. Deve-se ressaltar que a construção do “New Negro” está sendo retomada pelos críticos literários²³ como meio de legitimar a democracia norte-americana, ou seja, apoiando-se na questão da formação de uma nova imagem do negro, o ideal de democracia e seu preceito de igualdade seria defendido, apagando as diferenças para se dizer que nunca houve discriminação ou questões raciais problemáticas no país.²⁴

Em uma avaliação mais cuidadosa e levando em consideração os rumos que o movimento tomou, pode-se dizer que em um primeiro momento o ponto chave do conceito foi provocar a auto-afirmação do negro, bem como a sua conscientização da importância do elemento racial.²⁵

As escolas públicas e os colégios contribuíram para a alienação destes pensadores, já que a escravidão e os tormentos os quais passaram estavam sendo silenciados e só lembrados como breves “incidentes da história”. A vergonha do seu passado foi em grande parte, reforçada pela

²¹ O conceito de raça aqui está na metafísica de algo comum aos negros segundo APPIAH, K.A. Op. Cit.

²² HUGGINS, Nathan Irvin. “The New Negro”. In: *Harlem Renaissance*. Oxford University Press, Nova Iorque, 1971. Pg. 56.

²³ HUGGINS, Nathan Irvin. Op. Cit. e LEWIS, David L. *When Harlem was in vogue* (1981). USA: Penguin Books, 1997.

²⁴ HUGGINS, Nathan Irvin. *Introduction*. Op. Cit. Pg. 12. Em sua obra Huggins declara abertamente que o foco de seu trabalho não é o Harlem e sim a formação do cidadão americano, em uma perspectiva racial.

²⁵ MILLER, R. Baxter. *Cafe de la paix: Mapping the Harlem Renaissance*. South Atlantic Review, N.2 (2000), pp. 73-94.

cultura branca hegemônica que transmitiu aos negros ensinamentos pela metade e não fez modificações culturais importantes na inserção do negro na sociedade.²⁶

Nisso repousa a dificuldade destes homens, colocar algo no lugar do vazio de séculos de sofrimentos e perseguições. As diversidades étnicas no caso dos judeus e orientais eram respeitadas, criando-se instituições especializadas no ensino para elas, o mesmo não ocorria no do negro americano. A resposta para tal lacuna cultural foi o movimento da *Renascença Negra*, onde Alain Locke foi o principal incentivador da nova história para o negro e iniciou a construção de uma nova imagem para o afro-americano.

Alain Locke foi o responsável também pelo reconhecimento destes escritores como uma classe artística com ideais em comum, talvez a primeira intelectualidade negra coesa da história.²⁷ Acredita-se que sua intenção com o “New Negro” era realizar uma tomada de consciência dos valores humanos e culturais do seu povo e também trazer a necessidade urgente de uma auto-afirmação e militância. Talvez a sua mais importante análise tenha sido perceber que estava ocorrendo um enriquecimento cultural do passado do negro na América e na África em âmbito global.

Para alguns historiadores, “New Negro” não deixou de ser uma tendência cultural que floresceu no mundo todo. As apresentações teatrais, a música e os escritos dos poetas negros animavam o Harlem mostrando que a cultura estava em alta e suas produções artísticas eram de alta qualidade, o negro já tinha seu lugar no espaço propício para as demonstrações do seu novo “estilo”. A sua maior crítica, após a movimentação no Harlem foi de ter tornado sua ideologia simplesmente filosófica e cultural, tomando o “New Negro” como um conceito abstrato e apolítico.²⁸

O escritor Langston Hughes (1902-1967), foi um dos que mais utilizou em sua poesia sua destreza e capacidade de adaptação do povo negro na América, e é o principal intelectual preocupado com o “*negro-spirituals*” e com o jazz como traços fundamentais da ancestralidade africana. Foi considerado um dos escritores que mais influenciou os intelectuais negros na França, chegando a ter relações de amizade com Leopold Senghor e Leon Damas.

É possível perceber em sua poesia o não-lugar do negro na sociedade norte-americana ou seja, que ele tenha passado por uma grande inquietação ao perceber-se não inserido na sociedade. Sua poesia também aborda a esperança de um dia o negro fazer realmente parte da sociedade norte-americana. A expressão desta inquietação está explícita em um dos seus mais conhecidos poemas “Eu também, eu sou a América”:

*“Eu também canto a América.
Eu sou o irmão obscuro
Eles me mandam comer na cozinha
Quando ele vem do mundo,
Mais eu rio
Eu como bem,
E eu reúno forças.
Amanhã,*

²⁶ HUGGINS, Nathan Irvin. Op. Cit.

²⁷ KELLER, Francis Richardson. *The Harlem Literary Renaissance*. IN: *The North American Review*, v. 253, N.3 (Maio-Junho, 1968), pp. 29-34. University of Northern Iowa.

²⁸ JUNIOR, Henry Louis Gates. *The Trope of a New Negro and Reconstruction of the Image of the Black*. Representations, N.24, Special Issue: America Reconstructed, 1840-1940. (1988), pp. 129-155.

Eu ficarei na mesa
 Quando ele vier do mundo
 Ninguém ousará
 Me dizer,
 Agora:
 “Vá comer na cozinha”
 E então,
 Verão bem como eu sou bonito
 E eles terão vergonha
 Eu também sou a América”.²⁹

Vale lembrar que o Harlem não foi tido como o ambiente exclusivo dos negros, sendo um espaço propício à diferença racial como um todo. É possível imaginar que o bairro foi pensado primeiramente para ser mesmo o local cativo da intelectualidade negra por captar tantos recursos financeiros provenientes das atividades culturais, congregando um grande número de artistas deste gênero, mas acabou preconizando a noção de um “espaço da diferença”.³⁰

A premissa de que eram considerados inferiores e sem história fez com que Hugues buscasse as origens africanas no âmbito cultural, talvez daí a importância que tenha dado ao “*negro-spirituals*” enquanto outros intelectuais não percebiam a continuidade da música e do ritmo negro presente nos cantos religiosos. Hugues foi um grande defensor da fraternidade entre os negros e acreditava que a manifestação através dos “*spirituals*” era mais do que algo religioso e sim um traço da solidariedade entre os “irmãos de cor”.

Nos cantos dos *spirituals* o negro é comunicante e identifica a si mesmo com as forças eternas, transcendendo as situações da vida e muitas vezes buscando a união recíproca pra superar as dificuldades. Hugues tenta fazer com que seus poemas estivessem imbuídos dessa paz e dessa transcendência, para que pudessem dar um alento de esperança para seus irmãos, que encontrariam na vida futura o fim dos seus sofrimentos.³¹

Talvez o intelectual que mais tenha se aproximado de Du Bois, Hugues, aprofundou e analisou o *spiritual* como uma maneira do negro re-conectar-se com sua dignidade. Para ele não seria possível ignorar uma parte tão considerável das tradições e de certo modo uma criação norte-americana carregada de elementos africanos.³² Du Bois, dedica um capítulo de seu livro: “*Almas da gente negra*” a essas “*canções de pesar*” que segundo ele estão carregadas de uma mística que ele relaciona diretamente ao elemento da raça negra.³³ Ou seja, a síntese do pensamento de Hugues pode se encontrar nas expressões culturais que ele defende, como o canto religioso, e também na defesa do espaço de socialização dos negros na América, daí o seu canto de libertação e a sua sensibilidade para as questões da cultura e da raça negra.³⁴

²⁹ [tradução livre do autor do francês] KESTELOOT, Lilyan. *Anthologie Negro-Africaine. Histoire et textes de 1918 à nos jours*. Bélgica: EDICEF, 1987. Pg.27.

³⁰ WALL, Cheryl A. *Paris and Harlem: two culture capitals*. Phylon (1960), V. 35, N.1, pp. 64-73.

³¹ Pode-se perceber a importância do *spiritual* ou do *godspel* na obra de Alice Walker, a Cor Púrpura.

³² COOK, Mercer. “Les Precurseurs negro-américains de la négritude”. In: *Collque sur la Négritude. Dakar, du 12 au 18 avril de 1971*. Paris: Présence Africaine, 1971.

³³ O pensador da negritude, *Leopold Senghor*, também analisou o *spiritual* que carrega, na sua perspectiva, a herança do ritmo, da musicalidade e até mesmo, da emoção tão presente para ele nos negro-africanos.

³⁴ Estima-se que a concepção de arte de Hugues tenha influenciado Senghor a medida que ele defende a arte como uma representação importante da experiência comum entre os negros.

O escritor jamaicano Claude Mac Kay (1889-1948) foi considerado um importante representante da “*Renaissance*”, sendo também apropriado por muitos intelectuais da negritude como precursor do movimento. Ele foi um intelectual que optou pela vivência do deslocamento viajando na década de 20 para lugares como Londres, Rússia, Paris, Marselha, Espanha e Marrocos. Seu auto-exílio fez com que exemplificasse a dupla condição de intelectual “fora-do-lugar”, seja por não possuir raízes nacionais, seja por não ser aceito como negro em alguns dos lugares que conheceu.

Mesmo que tivesse passado pela experiência de Paris, Mac Kay não deixou de dialogar com os negros do *Harlem*, identificando o bairro como um espaço comunitário no sentido de aproximar o debate sobre as raízes negro-africanas.

Essa é a riqueza do pensamento de Mac Kay, ele conseguiu, mesmo sem estar ligado à um espaço geográfico fixo, ele entrou em contato com vários escritores negros, captando suas especificidades e contestações em comum. A compreensão das diversas sociedades propiciou entender os pontos de análise dos processos de exclusão e discriminação do negro.³⁵

As suas múltiplas experiências nos locais que conheceu fazem dele uma espécie de “intelectual transnacional” e isto se torna presente nas suas obras como poesias e romances. O papel intelectual de Mac Kay é de buscar o seu espaço com a consciência de que ainda não havia a imagem do intelectual negro estritamente consolidada e digna para a condição que os pensadores do *Harlem* buscavam.

Suas principais obras “*Home to Harlem*” e “*Banjo*” (1928) foram fundamentais para trabalhar-se a questão da linguagem dos negros, seus valores raciais, chegando a influenciar a literatura como um todo.

Segundo Brent Hayes, *Banjo* ocupou um papel de destaque por demonstrar a valorização de uma tradição cultural negra e de se distanciar de uma perspectiva puramente assimilacionista. Ou seja, de certo modo “*Banjo*” foi uma obra fundamental para o *movimento literário da negritude* (que surgiria na década seguinte), mesmo que tratasse especificamente de uma “négritude muito pouco africana”.³⁶

Alguns estudiosos do movimento aproximam os “novos negros” aos ideais socialistas, visto que o período era de florescimento dos valores contrários ao modo capitalista de vida que aliado à cultura de massas contribuía cada vez mais para a alienação da sociedade. Em parte isto é valido, porém, deve-se lembrar que estes escritores não estavam exercendo uma militância tão profunda até o final de década de 20, e os poucos militantes eram tidos como comunistas por lutarem pela igualdade e pelo fim da segregação.

Um indício importante na pesquisa sobre o fator político aparecerá na produção da *Légitime Défense*, em 1932. A revista que contou com a participação de Mac Kay, vai recuperar alguns escritos do Renascimento do Harlem inspirada pelos ideais marxistas.

O valor do pensamento de Mac Kay contribuiu para demonstrar a decadência ao “velho negro”, sendo que sua obra inspirou todos os seres humanos que foram abusados, assassinados, vilipendiados como qualquer tipo de “minorias étnicas” de sua época.

Ele defendia que para a construção do “*New Negro*” era necessário buscar as tradições populares destes povos, estivessem eles no Harlem, em Paris ou nos países do continente africano. O que ele percebe e destaca nas suas obras era que as discórdias entre negros do Norte e os do Sul só os afastava das suas questões de identidade.

³⁵ WALL, Cheryl A. Op. Cit.

³⁶ NDIAYE, Pap. Op. Cit. Pg. 310.

A propriedade com que trabalhou as questões da valorização cultural do negro foi fundamental para destacá-lo como um intelectual sensível às questões raciais e culturais de sua época. Vale lembrar que sua obra foi bastante estudada e desenvolvida por intelectuais da francofonia como Senghor, Sembene Ousmane e Ousmane Souce. O próprio Senghor considera Mac Kay como o escritor que mais se aproximou do real valor do “ser negro” defendido pela *negritude*.³⁷

Em síntese, Mac Kay foi representativo por fazer a ligação entre as lutas concernentes aos africanos e aos afro-americanos e pode-se dizer que ele foi o mais africano dos intelectuais do *Renascimento Negro*. Mesmo que não tenha escolhido Paris como sua base de diálogo intelectual (viveu parte de sua vida em Marseille), a maior contribuição de Mac Kay foi fazer a junção dos negro-americanos no *Harlem* com os negro-africanos da França, para se perceberem como cidadãos livres e responsáveis em por fim à assimilação.³⁸

A maneira como construiu sua identidade se alterou para atender a demanda das reivindicações dos negros de acordo com o momento histórico, e como muitos estudiosos indicam a *renascença negra* tinha data para acabar com a grande depressão nos Estados Unidos. Porém, poucos deles lembram que por não ter raízes nacionais tão fortes como os outros intelectuais do movimento, Mac Kay se reinventou e conseguiu articular-se entre os escritores de língua francesa e inglesa, contribuindo para que as questões dos negros saíssem do ambiente do Harlem para ocuparem um lugar importante no debate do cenário mundial.

O menos explorado e compreendido dos intelectuais do movimento o poeta e escritor norte-americano *Countee Cullen (1903-1946)* também deve ser lembrado na história deste “*Renascimento*”.

No movimento, Cullen foi o intelectual que mais demonstrou suas inquietações em suas obras, apresentando as suas angústias sempre carregadas de misticismo e questionamento. Sua obra “*Heritage*” discute de que maneira as heranças africanas ainda não eram compreendidas pelos afro-americanos e como a sociedade moderna ignorava os valores da cultura africana. Em uma breve digressão, pode-se aproximar o pensamento embrionário de Cullen com a questão do que é ser um intelectual negro-africano na perspectiva de Chinua Achebe.³⁹

Ou seja, podemos nos perguntar: Qual é o papel do escritor negro-africano? Qual deve ser a perspectiva de análise do escritor norte-americano negro? Como os valores africanos podem influenciar a identidade destes intelectuais? Estas perguntas surgem na virada do século com a tomada de consciência, mas perduram até hoje entre os estudos contemporâneos de África.

Em vista disto, os biógrafos de Cullen apontam que o que mais o incomodava era ser visto como um romancista ou um escritor negro. No fundo o seu trabalho buscava romper com essas designações, que acabavam categorizando-o arbitrariamente, pois ele queria ser apreciado como um artista sob qualquer aspecto, não sendo obrigatória a designação de negro ou afro-americano.

Em sua obra Cullen explorava essa “mitologia” do povo negro, apontando as implicações de se perceber como negro diante da diáspora e de suas dificuldades na busca pela identidade.

³⁷ SENGHOR, Leopold Sedar. « La poésie négro-américaine ». In: *Négritude et Humanisme - Liberté I*. Paris : Éditions Du Seuil. Présence Africaine, 1964. Pg. 116. Vale notar que as obras dos intelectuais do renascimento negro são de difícil acesso no âmbito acadêmico brasileiro.

³⁸ MILLER, R. Baxter. *Caffe de la paix: Mapping the Harlem Renaissance*. South Atlantic Review, v. 65, n. 2 (2000), pp. 73-94.

³⁹ APPIAH, K. A. “O Mito de um Mundo Africano”. In: *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Contraponto, São Paulo, 1997. Pg. 111-115.

Talvez nisso resida o fato de ter sido o menos político destes pensadores, pois ele não estava direcionado para a militância ou para a religiosidade, sobretudo, ele se voltava para a arte.

É lícito lembrar que sua arte era a criação literária e sua escrita era utilizada como arma, mas não de libertação política e sim uma libertação muito mais subjetiva, voltada para a construção do espaço intelectual e do entendimento do papel do negro em sua época.

De certa forma, o combate de Cullen envolveu a compreensão da África, para tentar desfazer as imagens míticas, idealizadas e errôneas em relação ao continente. Não será objeto da análise neste momento, mas vale lembrar que a idéia de um Deus negro começa a surgir com o poema “*The Black Christ*” (1929) que soou como uma provocação de Cullen, gerando discordâncias e polêmica na trajetória do autor.⁴⁰

Apesar de um silêncio que se faz sobre sua atuação e da própria dúvida que alguns intelectuais expõem da sua representatividade para a movimentação da referida década, Cullen na perspectiva do presente trabalho é um expoente fundamental para o movimento, pois, não foi compreendido e foi analisado incorretamente.

Alguns teóricos como Huggins, tentam igualá-lo aos outros pensadores do Harlem, em função da sua preocupação com a aceitação da sua condição racial. Entretanto, defendo que Cullen estava no sentido contrário, pois, não quis falar das belezas e orgulho de ser negro, ele exaltou as suas mazelas, que deveriam ser cantadas e expostas de modo similar.⁴¹ A inversão do discurso hegemônico foi um instrumento utilizado por Cullen, onde ele fazia uma crítica tão sutil, que por vezes, foi tido como pessimista ou mesmo niilista. No fundo era uma maneira de construir sua narrativa, de modo inverso.

A falta de documentação ou referências de Cullen faz dele o mais “marginalizado” intelectual da *Renaissance*. Mesmo que tenha se destacado de intelectuais como Mac Kay e Hugues no seu estilo literário, Cullen ainda sim foi um defensor do Harlem como local de manifestação cultural. Suas produções e seus escritos influenciaram romancistas e poetas após o auge das movimentações literárias e acredita-se que ele teria defendido fortemente a utilização do Harlem como o local de convivência urbana e desenvolvimento das produções literárias.

Como muitos acreditavam, o bairro seria a capital dos povos negros, um espaço propício de convivência, onde era possível “ser negro”. Cullen lutava pelo espaço sócio-cultural do Harlem como um local propício para o desenvolvimento de uma elite intelectual, com produções que ganhariam o mundo, conclamando a união e a compreensão do que era ser negro diante das perseguições e sofrimentos que lhes eram infligidos.

Finalizando a análise dos intelectuais do Harlem, é importante lembrar a trajetória de Richard Wright (1908-1960) um intelectual que não foi exatamente um divulgador do movimento, mas sua trajetória pessoal fez a passagem de um momento romântico para um período mais realista.

Embora não tenha ocupado o mesmo espaço que os outros escritores, pode-se dizer que a trajetória de Wright representou a luta exaustiva pela tomada de consciência nos Estados Unidos na década de 40, mostrando que os valores defendidos não seriam alcançados enquanto houvesse a segregação e o pensamento “guetizado” dos seus representantes.

Wright rompeu com o movimento na sua característica mais romântica e passou pelo desencanto da crise de 1929 e pela conscientização de que o espaço do negro não seria alcançado em território americano. A sua escolha por Paris representou em grande parte essa tendência. E

⁴⁰ EARLY, Gerald. *Three notes toward a cultural definition of Harlem Renaissance*. Callaloo, V. 14, N.1. pp. 136-149. The Johns Hopkins University Press, 1991.

⁴¹ Aqui exponho minha crítica à interpretação de HUGGINS, Nathan Irvins. Op. Cit.pg. 71

sua escolha pelo universalismo francês é a recusa pela luta do campo “racial” como se tentava operar.⁴²

Richard Wright nega o Harlem, desconstrói a idéia de um lugar comunitário para o negro, pelo menos enquanto percebesse que havia a segregação. Por outro lado, sua escolha representa que ele possa estar no meio do caminho para que a luta da tomada de consciência se concretizasse, ele estava deslocado das tendências intelectuais do Harlem, pois, para ele não havia mais a idealização do espaço comum do negro, de uma intelectualidade negra com características homogêneas.

Concluindo, mas não encerrando o debate percebe-se que o fim do espaço intelectual do Harlem, não representaria o fim do movimento de tomada de consciência, mas um momento em que se tinha o fim da criação intelectual conjunta, em um espaço pré-determinado. Isso pelo menos até o início da década de 40.

Seja pela crise econômica, seja pela falta de investimentos na sua transformação como um lugar para a nova “Elite Negra”, o Harlem não cumpria mais a sua função principal de promover a criação intelectual e artística. O último representante do movimento, Wright, mostrou o novo caminho: O velho continente, mais especificamente Paris. Para ele o “espaço da igualdade”, era a promessa de um “mundo novo”, onde não havia segregação e a miscigenação era o resultado da criatividade intelectual, comercial e campo de desenvolvimento das possibilidades para os negros.

3 - Um olhar parisiense para o Harlem

O processo de transição do Harlem para Paris foi pouco analisado e não se sabe ao certo se o deslocamento teria sido influenciado pelos próprios intelectuais norte-americanos da década de 20. Como já se enfatizou a crise econômica nos Estados Unidos e o “desencanto” dos intelectuais em relação à segregação podem ter levado o eixo cultural a se deslocar realmente, tornando Paris o novo ambiente intelectual para o negro.

Não sendo o objetivo do trabalho desconstruir o *Renascimento Negro* e muito pelo contrário dar legitimidade à movimentação intelectual de acordo com as questões da tomada de consciência será necessário enfatizar algumas questões que darão margem à outras análises.

A “*Veille Négritude*”, como um movimento anterior à negritude é de fundamental importância no incentivo à produção artística e intelectual do negro, já que deve lembrar-se que os expoentes da negritude como Aimé Césaire, por exemplo, deixaram claras as influências teóricas que absorveram com o movimento.

“Mas, neste congresso cultural, eu incluo que penso também em outros, em particular, à essa plêiade muito antiga, de escritores, ensaístas, de romancistas, de poetas – que nos influenciaram Senghor e eu – que, no preceder da primeira guerra mundial, constituiu o que nós podemos chamar de Renascimento Negro: A

⁴² RUQUIST, Rebecca Britta. *Capítulo V. “Non, nous ne jouons pas la trompette”: Richard Wright in Paris.* IN: Paris, Race and Universalism in Black Atlantic: Leopold Sedar Senghor, Simone de Beauvoir, Boris Vian and Richard Wright. Dissertação apresentada para a obtenção do doutorado em filosofia da Universidade de Yale. Estados Unidos, 2004.

Black Renaissance. (...) é aqui nos Estados Unidos, entre vós, que nasceu a Negritude. A primeira negritude foi a Négritude americana”.⁴³

Vale lembrar também que enquanto, Hugues, Cullen e Mac Kay estavam produzindo suas obras e poesias, ou quando Du Bois estava organizando os congressos e as associações dos negros, a intelectualidade das colônias francesas na África e nas Antilhas estavam tendo a oportunidade de estudar nas metrópoles. Léopold Senghor, inclusive, deixa claro que a geração dos “Novos Negros” foi de fundamental importância na produção artística e para a valorização do negro como ser humano, com orgulho de todas as suas potencialidades intelectuais.⁴⁴

Além de perceber que o preconceito sofrido com a segregação era similar à situação das colônias, onde o negro não era visto como cidadão e embora o discurso da assimilação exaltasse a igualdade entre todos, Senghor valorizava as manifestações culturais defendidas por eles.

O escritor senegalês percebeu também que a escravidão teria mantido certos valores africanos importantes, que o tempo não teria apagado, como traços do animismo e da tradição folclórica representada através dos “*spirituals*”. Ele entrou em contato com os estudos relativos às “*folk balads*”, muito estudadas por outro importante representante do Harlem, *Sterling Brown*, como um fator de permanência das tradições africanas, que mais tarde gerariam um sentimento de classe trabalhadora para os negro-africanos.

Senghor estudou as “*sorrow songs*” que fariam parte do sentimento do sofrer do negro, relacionando-as ao trabalho e levando muitos intelectuais a deduzirem que essas canções teriam originado o “*Blues*”. Cabe notar que os “novos negros” do Harlem, não se apropriaram do *blues* como origem da cultura africana, porém, mais tarde vão tomar o *jazz* como uma herança das tradições da cultura negra.⁴⁵

Aproximações entre o tam-tam e o jazz, entre as selvas urbanas e africanas, entre o poeta e o jazzman, estiveram presentes nas obras de Senghor por exemplo. É possível estabelecer uma relação das origens de um movimento literário importante como a *Renaissance* e de como a luta dos representantes negro-americanos foi responsável por incentivar as conquistas feitas no âmbito da francofonia, levando-nos a refletir sobre as aproximações feitas entre os movimentos.

Conhecedor da poesia norte-americana Senghor defende-a como uma das mais importantes formas de expressão da genialidade negra e a exaltava não só por sua riqueza literária de contestação sentimentalizada, mas também porque a considerava como a primeira forma de expressão da musicalidade negra ancestral. Para Senghor a musicalidade do jazz e a poesia negro-americana eram uma coisa só: expressões culturais da “ancestralidade africana”.

Importante chamar a atenção para *Edward “Duke” Ellington* (1899-1974) como figura principal de promoção do jazz e como personalidade importante na divulgação deste estilo musical em meados do século. Tendo formado sua banda em 1919, Duke Ellington tocou em bares de Nova Iorque e fez inovações importantes na sua trajetória, entre elas a introdução de elementos africanos em sua música. “Duke” Ellington foi lembrado por Senghor como principal representante do jazz, por suas inovações e por isso, ele deve ser lembrado como o principal músico e jazzman da *Harlem Renaissance*.

⁴³ CESAIRE, Aimé. Discours sur la negritude. Paris: Présence Africaine, 2008. (Tradução livre do autor) pg. 88 Discurso proferido em 26 de fevereiro de 1987. Conferencia Hemisférica Organizada na Universidade Internacional da Florida.

⁴⁴ COOK, Mercer. Op. Cit.

⁴⁵ SENGHOR, Leopold Sedar. *La poésie négro-américaine*. IN: *Négritude et Humanisme - Liberté I*. Éditions Du Seuil. Presence Africaine, Paris, 1964. O presente texto representa a fala de Senghor em uma conferência proferida para o público norte-americano no ano de 1950. Pg. 104-121.

Segundo Jaunet⁴⁶, o começo do século vinte representava o surgimento de novas tendências associadas à cultura negra, ou a um modo de vida que repensava e valorizava o negro. O jazz foi a principal delas já que durante duas décadas ocupou os ambientes boêmios de Nova Orleans para na década de vinte alcançar Paris. A autora também lembra que as sonoridades e os novos timbres, que podem ser assemelhados a musicalidade africana influenciaram profundamente o ambiente cultural europeu.

A existência de um ambiente propício em Paris fez com que surgissem os espetáculos compostos por dançarinos negros e as apresentações de jazz como um chamariz para que a cidade mantivesse sua tradição de “capital mundial da cultura”. Ou seja, se os intelectuais norte-americanos procuravam a capital francesa, era porque também existia uma tendência de aceitação dos elementos culturais “negros”, que destacaram não só a “nova musicalidade”, mas tudo que abrangia os elementos da “cultura negra” como, por exemplo, as atuações da dançarina Josephine Baker.⁴⁷

A perspectiva de que a *Renaissance* foi retomada pela negritude pode ser comprovada levando-se em conta alguns pontos importantes da análise senghoriana. Porque para Senghor a história dos negros norte-americanos foi de fundamental importância para a percepção de um processo ocorrido quase em escala mundial: através da libertação do negro-escravo não se teve a inserção do negro como ser humano. Ou seja, se não havia ser humano, não havia um ser social, ele estava excluído da sociedade.

Como exemplo, Senghor nos fornece uma informação importante do processo histórico vivido por parte dos negro-americanos que, após a Guerra de Secessão (1861-1865) não foram incorporados nos quadros de trabalho e na participação da sociedade. Vale apontar, como já foi demonstrado, anteriormente, que o nascimento de uma “burguesia negra” teria permitido que estes entrassem em contato com o seu sentimento de inferioridade.

Graças ao surgimento dessa nova geração, pode-se dizer que os universitários negros entraram em contato com as dificuldades em “ser negro” em um país que estabeleceu seus valores na segregação. De certo modo, o “novo negro” estava buscando seu acesso às condições de inserção no seu meio social e o interessante, é saber que, ao mesmo tempo em que era trilhada uma formação intelectual tendo acesso a novos conhecimentos sobre as suas questões, também eram produtores do conhecimento acerca do papel do negro na sociedade.

A análise feita por grande parte dos intelectuais da negritude era de que seus companheiros da “*Negro Renaissance*” eram os primeiros produtores da movimentação rumo à tomada de consciência. A base e o princípio do Renascimento Negro foi de não diminuir a “raça” branca, mas de simplesmente mostrar que existe uma diferença historicamente imposta, e daí a importância desta geração de intelectuais, de explorá-la.⁴⁸ Este é o ponto principal da união da velha e da nova negritude.

Além do profundo conhecimento e da análise dos escritos e dos escritores do movimento, os expoentes da negritude buscaram dar continuidade às críticas e análises da “alma negra”, tendo a certeza de que a identidade do negro não se funda somente no seu passado histórico, mas na re-

⁴⁶ JAUNET, Claire-Neige. Op. Cit. pg. 27

⁴⁷ GOMES, Tiago de Melo. “Lutando por uma democracia racial. Raça e nação na trajetória da companhia negra de revistas”. In: *Um Espelho no palco Identidades Sociais e Massificação da Cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Editora Unicamp, Campinas: SP, 2004. Pg. 291.

⁴⁸ SENGHOR, Léopold Sedar. “La poésie négro-américaine”. In: *Négritude et Humanisme - Liberté I*. Paris : Éditions Du Seuil,1964. Pg. 108. MUNAGA, Kabengele. *Négritude Usos e Sentidos*. Editora Ática, São Paulo, 1988. Pg. 19-45 – Manifesto de Libertação do artista negro, publicado no *The Nation* (1926).

descoberta dos seus valores, na sua personalidade e na sua beleza, enfim, na expressão de sua condição humana.

Com a presente análise não buscou-se negar toda a movimentação feita pelos pensadores do Harlem, muito pelo contrario, coube-nos demonstrar que houve uma busca pela valorização da condição humana em um primeiro momento no continente americano, graças às redes de relação construídas pelos representantes pan-africanistas. Senghor e Césaire declararam abertamente suas inspirações teóricas porque eles precisavam continuar o diálogo com estes intelectuais, muito dos quais tiveram amizades e afinidades em comum. Tem-se com isso um traço importante na relação dos dois movimentos. Eles foram uma exemplificação de que a maior arma era a escrita e o melhor método de combate era o estabelecimento da solidariedade entre os negro-africanos, americanos, antilhanos e de todo os povos oprimidos.⁴⁹

BIBLIOGRAFIA:

- APPIAH, K. A. “O mito de um mundo africano”. In: *Na Casa de Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.
- BEDIAKO, Kwame. *Africa and Christianity on the threshold of the third millennium: The Religious Dimension*. African Affairs, n. 99, 2000. pg. 303-323.
- BIRMINGHAM, David. *Kwame Nkrumah – the Father of African Nationalism*. U.S.: Ohio University Press, 1998.
- BOAHEN, A. Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: BOAHEN, A. Adu (org.). *História geral da África: a África sob dominação colonial (1880-1935)*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1991.
- CESAIRE, Aimé. *Discours sur la negritude*. Paris: Présence Africaine, 2008
- COOK, Mercer. *Les Precurseurs negro-americains de la négritude*. In: *Collque sur la Négritude*. Dakar, du 12 au 18 avril de 1971. Paris: Présence Africaine, 1971.
- EARLY, Gerald. *Three notes toward a cultural definition of Harlem Renaissance*. Callaloo, V. 14, N.1. pp. 136-149. The Johns Hopkins University Press, 1991.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro – Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos afro-asiáticos. 2ª Ed. 2008
- GOMES, Tiago de Melo. “Lutando por uma democracia racial. Raça e nação na trajetória da companhia negra de revistas”. In: *Um Espelho no palco Identidades Sociais e Massificação da Cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Editora Unicamp, Campinas: SP, 2004
- GOMES, Heloísa Toller. “Introdução”. In: DU BOIS, Willian Edward. *As almas da gente negra*. Ed. Lacerda – Rio de Janeiro, 1999.
- HUGGINS, Nathan Irvin. “The New Negro”. In: *Harlem Renaissance*. Oxford University Press, Nova Iorque, 1971
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. Bolso, 2011.
- JAUNET, Claire-Neige. *Les écrivains de la négritude*. Paris : Ellipses, 2001.
- JUNIOR, Henry Louis Gates. *The Troupe of a New Negro and Reconstruction of the Image of the Black*. Representations, N. 24. Special Issue : America Reconstructed, 1840-1940. University of California Press. (1988).

⁴⁹ Acredito que a *Revue du Monde Noir* seja um belo exemplo da união dos intelectuais negros das colônias e os norte-americanos. Trabalharei esta perspectiva no próximo capítulo.

- KELLER, Francis Richardson. *The Harlem Literary Renaissance*. IN: The North American Review, v. 253, N.3 (Maio-Junho, 1968), University of Northern Iowa. Pg.29-34.
- KESTELOOT, Lylian. *Histoire de la Littérature Négro-Africaine*. France: Karthala – AUF, 2001.
_____ *Anthologie Negro-Africaine.Histoire et textes de 1918 à nos jours*.
Bélgica: EDICEF, 1987.
- LEWIS, David L. *When Harlem was in vogue* (1981). USA: Penguin Books, 1997
- LINHARES, Maria Yedda Leite. “Descolonização e lutas de libertação nacional”. IN: *O século XX: O tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. V. 3, 2005.
- MARTIN, Tony. *Le Panafricanisme, de 1441 au XXIÈ siècle. Tirer parti de la vision de nos Ancêtres* In: Première Conférence des intellectuels d’Afrique et de la Diaspora. Dakar, 6-9 octobre 2004.
- MILLER, R. Baxter. *Cafe de la paix: Mapping the Harlem Renaissance*. South Atlantic Review, N.2 (2000), pp. 73-94.
- MUNANGA, Kabengele. *Négritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª Ed. 2009
- NDIAYE, Pap. *La condition Noire – Essai sur une minorité française*. Paris: Folio/ Gallimard, 2009.
- RUQUIST, Rebecca Britta. “Cap. V - Non, nous ne jouons pas la trompette”: *Richard Wright in Paris*. IN: *Paris, Race and Universalism in Black Atlantic: Leopold Sedar Senghor, Simone de Beauvoir, Boris Vian and Richard Wright*. Dissertação apresentada para a obtenção do doutorado em filosofia da Universidade de Yale. Estados Unidos, 2004.
- SENGHOR, Leopold Sedar. « La poésie négro-américaine ». In: *Négritude et Humanisme - Liberté I*. Paris : Éditions Du Seuil. Présence Africaine, 1964.
- WALL, Cheryl A. *Paris and Harlem: two culture capitals*. Phylon (1960), V. 35, N.1, pp. 64-73.